

# DIÁRIO DA ASSEMBLÉIA

Nº Solene

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, EM 19 DE ABRIL DE 2000

ANO XXVI

## *Mesa Diretora*

**NELSON JUSTUS**

Presidente - PTB

**CAÍTO QUINTANA**

1º Vice-Presidente - PMDB

**JOSÉ MARIA FERREIRA**

2º Vice-Presidente - PSDB

**NELSON GARCIA**

3º Vice-Presidente - PFL

**HERMAS BRANDÃO**

1º Secretário - PTB

**AUGUSTINHO ZUCCHI**

2º Secretário - PPB

**RENATO GAUCHO**

3º Secretário - PSDB

**ÂNGELO VANHONI**

4º Secretário - PT

**LUIZ CARLOS ZUK**

5º Secretário - PDT

**ABIB MIGUEL**

Diretor Geral

## *Lideranças*

<i>Líder do Governo</i> .....	<i>Valdir Rossoni</i>
<i>Líder Oposição</i> .....	<i>Irineu Colombo</i>
<i>PTB</i> .....	<i>Ademar Traiano</i>
<i>PFL</i> .....	<i>Plauto Miró Guimarães</i>
<i>PMDB</i> .....	<i>Nereu Moura</i>
<i>PPB</i> .....	<i>Tony Garcia</i>
<i>PT</i> .....	<i>Ângelo Vanhoni</i>
<i>PDT</i> .....	<i>Edgar Bueno</i>
<i>PSDB</i> .....	<i>Sérgio Spada</i>
<i>PSB</i> .....	<i>Ricardo Maia</i>
<i>PSL</i> .....	<i>Edno Guimarães</i>
<i>PST</i> .....	<i>Divanir Braz Palma</i>

## *Representação Partidária*

*PTB - 11: Ademar Luiz Traiano - Algaci Tulio - Beto Richa - Carlos Simões - Cezar Silvestri - Hermas Brandão - Luiz Accorsi - Nelson Justus - Ricardo Chab - Valdir Rossoni - Tiago Amorim Novaes; PFL - 08: Basílio Zanusso - Chico Noroeste - Cleiton Kielse - Durval Amaral - Elio Lino Rusch - Luiz Carlos Alborghetti - Marcos Isfer (licenciado) - Nelson Garcia - Plauto Miró Guimarães; PSDB - 08: Albanor Gomes - Antonio Baratter - Augustinho Zucchi - Beraldin - José Maria Ferreira - Luiz Fernandes da Silva Litro (licenciado) - Renato Gauchó - Serafina Carrilho - Sérgio Spada; PMDB - 07: Ademir Bier - Antonio Annibelli - Caíto Quintana - Edson Strapasson - Nereu Moura - Orlando Pessuti - Waldyr Pugliesi; PPB - 04: Cesar Seleme - Duílio Genari - Fernando Ribas Carli - Tony Garcia; PT - 04: Ângelo Vanhoni - Hermes Fonseca - Irineu Colombo - Péricles de H. Mello; PDT - 03: Edgar Bueno - Luiz Carlos Zuk - Moysés Leônidas; PSL - 03: Geraldo Cartário - Luiz Carlos Martins - Edno Guimarães; PST - 02: Divanir Braz Palma - Hidekazu Takayama; PSB - 02: Antonio Carlos Belinati - Ricardo Maia; PL - 01: Pastor Edson Praczyk; PSC 01: Miltinho Puppio.*

**2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA  
14ª LEGISLATURA  
ATA DA SESSÃO SOLENE EM  
COMEMORAÇÃO AO  
DIA NACIONAL DO ÍNDIO  
REALIZADA EM  
19 DE ABRIL DE 2000**

(quarta-feira)

Presidência do senhor deputado Nelson Justus, secretariada pelos senhores deputados Cezar Silvestri e Pastor Edson Praczyk.

Às dezessete horas é registrada a presença dos seguintes senhores deputados: Nelson Justus, Caíto Quintana, José Maria Ferreira, Nelson Garcia, Hermas Brandão, Augustinho Zucchi, Renato Gaucho, Ângelo Vanhoni, Luiz Carlos Zuk, Ademar Traiano, Ademir Bier, Albanor Gomes, Algaci Tulio, Antonio Baratter, Antonio Carlos Belinati, Antonio Annibelli, Basílio Zanusso, Beraldin, Beto Richa, Carlos Simões, Cesar Seleme, Cezar Silvestri, Chico Noroeste, Cleiton Kielse, Divanir Braz Palma, Duílio Genari, Durval Amaral, Edgar Bueno, Edno Guimarães, Edson Strapasson, Elio Rusch, Fernando Ribas Carli, Geraldo Cartário, Hermes Fonseca, Hidekazu Takayama, Irineu Colombo, Luiz Accorsi, Luiz Carlos Alborghetti, Luiz Carlos Martins, Miltinho Puppio, Moysés Leônidas, Nereu Moura, Orlando Pessuti, Pastor Edson Praczyk, Péricles Mello, Plauto Miró Guimarães, Ricardo Chab, Ricardo Maia, Serafina Carrilho, Sérgio Spada, Tiago Amorim Novaes, Tony Garcia, Valdir Rossoni e Waldyr Pugliesi, ainda presentes inúmeras autoridades civis, militares, e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (**Nelson Justus**)

Sob a proteção de Deus, declaro aberta a presente

**SESSÃO SOLENE**

Alusiva ao Dia Nacional do Índio.

É com a máxima satisfação que anuncio a composição da Mesa: Excelentíssimo senhor desembargador Acássio Gambi, vice-presidente do Tribunal de Justiça, nesta oportunidade representando Sua Excelência o desembargador Sidney Zappa, presidente do egrégio Tribunal de Justiça; Excelentíssimo senhor Edívio Battistelli, assessor especial para Assuntos Indígenas do governo do Estado, representando nesta oportunidade o governador Jaime Lerner; Excelentíssimo senhor Mário José Gisi, procurador-chefe da República do Estado do Paraná; Excelentíssimo senhor capitão de Mar e Guerra, Francisco Haranaka, comandante da Capitania dos Portos do Estado do Paraná; Excelentíssimo senhor Pedro Cornélio Seg-Seg, presidente do Conselho Indígena

Regional de Guarapuava e vice-presidente do Conselho Nacional dos Povos Indígenas; Excelentíssimo senhor Ozeil Moura dos Santos, cônsul honorário da República do Senegal, representando neste ato a Sociedade Consular do Paraná; Excelentíssimo senhor Humberto Maluceli Neto, representante do senhor Antonio Poloni, secretário da Agricultura; Excelentíssimo senhor deputado Cezar Silvestri, 1º secretário da Assembléia Legislativa; e Excelentíssimo senhor pastor Edson Praczyk, 2º secretário da Assembléia Legislativa.

É com a máxima satisfação, que convido os presentes a ouvirem o Hino Nacional Brasileiro, a ser cantado pelos índios Caigangues.

(Execução do Hino)

(Aplausos)

Esta presidência tem a elevada honra de passar a palavra, neste instante, ao deputado Orlando Pessuti, autor da proposição desta presente sessão, aprovada por unanimidade pelos Pares nesta Casa.

Com a palavra o deputado Orlando Pessuti.

O SR. ORLANDO PESSUTI

Excelentíssimo senhor deputado Nelson Justus, Mui Digno presidente da Assembléia Legislativa; Excelentíssimo senhor desembargador Acássio Gambi, vice-presidente do Tribunal de Justiça, representando o desembargador Sidney Zappa; Ilustríssimo senhor Edívio Battistelli, assessor especial de Assuntos Indígenas, representando Sua Excelência o governador Jaime Lerner; Excelentíssimo senhor procurador Mário José Gisi, da Procuradoria da República, aqui presente; Ilustríssimo senhor Haranaka, da Capitania dos Portos; Ilustríssimo amigo Ozeil Moura, cônsul honorário do Senegal, neste ato representando a Sociedade Consular; doutor Maluceli, da Secretaria da Agricultura, representando Sua Excelência, o secretário Antônio Poloni; deputado Cezar Silvestri, 1º secretário, desta Sessão Solene da Assembléia Legislativa do Paraná; Excelentíssimo senhor pastor Edson Praczyk, nosso 2º secretário, desta Sessão Solene da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; estimada vereadora Nely Almeida, aqui presente. Gostaria de agradecer a Cristina Cesário, a Yolanda e a Idóvelli - pediria que se colocassem de pé, para que todos as identificassem, - porque são elas as responsáveis por esse trabalho que está sendo mostrado no saguão de entrada desse Plenário, obras que muito bem retratam a história do nosso país e a história também, porque não dizer, da nação indígena brasileira.

Senhor presidente, autoridades, senhores deputados aqui presentes, Péricles Mello, Algaci Tulio, demais amigos companheiros, comunidade indígena, aqui presente, senhoras e senhores.

Vivemos atualmente em nosso País, um momento de mobilização nacional, em que lembramos na *Terra Brasilis* os seus 500 anos de conquista, de encontro, de

invasão, de descobrimento, de confronto entre vários mundos, ou quem sabe uma mistura de tudo isto!

Torna-se impossível falarmos sobre este assunto, sem citarmos a importância e a participação ao longo deste tempo, dos povos indígenas, sendo eles os nossos primeiros habitantes e proprietários genuínos do nosso País!

A história e os nossos dias atuais, nos relatam incontáveis exemplos de sua bravura, honra, respeito pelos recursos naturais e organização de soberania!

Vejam vocês, que nos idos de 1570, os nossos índios já nos deram um grande exemplo de organização federativa, quando um poderoso cacique Tupinambá chamado Cunhambebe, indignado com a invasão das terras indígenas e com a colonização desordenada, convocou todas as demais tribos e seus guerreiros para reverter aquela nefasta situação, gerando um episódio conhecido como A Confederação dos Tamoios.

Apesar dos povos indígenas, terem sido expostos constantemente, ao preconceito, à invasão de seu patrimônio, de sua crença e de sua cultura, sempre resistiram bravamente, mostrando à nossa sociedade, a força de suas inúmeras lideranças, como por exemplo Cretã, Raoni, Juruna, Seg-Seg.

O legado da cultura indígena em nosso país é inegável, pois todos nós somos um pouco índio, visto que moramos em Curitiba-Paraná, terra de Guairacá, vim do Vale do Ivaí, vou a Paranaguá, a Guaraqueçaba, a Caiobá, passando pelo Anhangava e pelo Marumbi!

Tudo nos lembra o índio, os nossos irmãos da Nação Indígena, a história de habitação anterior a nossa presente nesse território que hoje, é a nossa Capital, que é o nosso litoral, que são as nossas serras, que são os nossos Campos Gerais, os campos de Guarapuava, das matas, interior do Estado, os caminhos por onde os índios trafegavam, como por exemplo, o caminho do Peabiru que passa bem perto da cidade onde moram, no Vale do Ivaí.

O Estado do Paraná, além da origem do seu próprio nome, ainda hoje é brindado com a presença de inúmeras reservas indígenas, que apesar das dificuldades enfrentadas, são mantidas, graças à perseverança do seu povo!

Posso dizer realmente que as dificuldades são muitas, estamos aqui com a representação de Manoel Ribas, da Reserva Indígena Ivaí, temos os nossos companheiros que sempre aqui estão conosco, lá do Faxinal de Catanduvas, em Cândido de Abreu. Os nossos amigos de Guarapuava, do Turvo, lá de Ortigueira, de Tamarana, da Mangueirinha, os nossos amigos espalhados por todo esse território. E aqueles que como nós e como outros deputados que já mencionei que aqui estão presentes, o deputado Silvestri, o deputado Algaci Tulio, o deputado Pastor Edson, o deputado Péricles, aqueles que como nós no dia-a-dia temos tido a oportunidade de visitar estas Reservas Indígenas, sabemos que os nossos irmãos

índios, vivem realmente momentos de dificuldades, que não podemos virar as nossas costas.

Entre várias ações em nossa vida parlamentar, neste dia sinto-me lisonjeado, pelo fato de ter a oportunidade de prestar nesta Casa de Leis, esta homenagem aos povos indígenas do Paraná e do Brasil.

E como parte integrante desta homenagem, podemos apreciar nesta data, nas dependências deste parlamento, uma belíssima exposição de artes plásticas, na qual encontramos diversas obras com motivos indígenas, elaboradas pelas artistas Cristina Cesário, Idóvelli Massaranduba e Yolanda Silva.

Na condição de brasileiro, de cidadão e de parlamentar, espero que o Brasil dos 500 anos, passe a valorizar mais, a conceder maiores oportunidades em todos os segmentos de nossa sociedade, aos nossos irmãos indígenas!

Peço realmente que essa sessão, presidente Nelson Justus, seja o primeiro passo que nós deputados estaduais possamos estar dando realmente de apoio efetivo e apoio verdadeiro as comunidades indígenas do Estado do Paraná.

Lembro-me das muitas gestões que esta Casa já fez e vem fazendo a favor da comunidade indígena. O deputado Antonio Martins Annibelli que aqui está, como presidente desta Casa, como parlamentar de 5 (cinco) mandatos, sempre tem nesta Casa postulado ações governamentais ou ações de municípios ou da sociedade civil organizada, em favor, em benefício da comunidade indígena.

Quando Vossa Excelência presidia a Comissão de Orçamento, que teve Cezar Silvestri como Relator, o Cezar Silvestri agora como presidente da Comissão de Orçamento, lembro-me que no Orçamento aqui aprovado muitas são as emendas, as obras destinadas à comunidade indígena no Estado do Paraná. Obras do setor de habitação, de saúde, da comunicação, da educação, na questão da agricultura e, evidentemente, todos nós haveremos de lutar para que este ano que o Brasil comemora os 500 anos, que possamos efetivamente não só na elaboração da peça orçamentária lembrarmos dos nossos irmãos indígenas, mas fazer com que o governo do Estado, através da Secretaria de Agricultura, aqui representada pelo doutor Malucelli, pelo governo como um todo representado pelo Edívio Battistelli, que possamos dar viabilização e operacionalização a estas emendas em benefício das nossas reservas indígenas.

A Assembléia Legislativa, através de uma iniciativa do deputado Cezar Silvestri houve por bem aprovar que 50% do ICMS Ecológico, que vai para cada um dos municípios do Paraná em função do espaço representado pela reserva indígena, que 50% deste valor seja destinado à reserva indígena.

Estivemos recentemente conversando com o Cezar Silvestri, com o Edívio Battistelli, para que possamos enquanto deputado estadual acompanhar a execução da complementação desta lei, para que nenhuma comu-

nidade indígena, seja deixada de lado, esquecida pelos senhores prefeitos, que estão recebendo o ICMS Ecológico, em função da existência de uma reserva e que muitas vezes nenhum real desse recurso é repassado para a Reserva Indígena.

Estamos cuidando disso.

A iniciativa do deputado Péricles Mello, que propõe uma discussão aqui na Assembléia no sentido de se implantar um gabinete dos povos indígenas. Estamos discutindo esta matéria, é importante que se discuta e que a Assembléia se posicione no sentido de abrir algum espaço mais em favor dos nossos irmãos indígenas.

Quero também com muito carinho e com muito respeito registrar a presença entre nós, do professor Arthur Bastehlmers. A minha admiração pessoal não é só por ele ter nascido nas margens do Rio Ivaí, lá no município de Cândido de Abreu, por ter sido meu professor durante três anos, no Colégio Estadual do Paraná, por ter sido meu patrão, quando trabalhei vendendo papel na Editora Semeador, de propriedade dele, de 74a79, de ser meu padrinho de casamento, mas por ser ele nesta data uma pessoa especial entre nós, porque além de tudo aquilo que ele tem escrito que tem feito como Bacharel em Direito, como jornalista, como político, porque já disputou eleições no Estado do Paraná, na década de 50, ele também dedicou um pouco do seu tempo para escrever algumas páginas em favor do resgate da História Indígena do Estado do Paraná. O seu livro: "Massacre da Serra do Pitanga", que retrata episódios nos quais os nossos irmãos indígenas, se envolveram na região de Pitanga, diz muito bem um pouco da história dessa gente.

Seu livro: "Saga, Lenda, Luta e Vida", também retrata um pouco da história da lenda da família caingangue e dos nossos irmãos indígenas.

Teve a parceria da professora Lidia Dora Ferraro Fasini, que também contribui neste trabalho de pesquisa, e foi ele que esteve lá na Reserva Indígena de Manoel Ribas, junto com a Gilda Cuitá, que é a professora bilíngue daquela comunidade e de outras certamente, para no seu livro professor Arthur, colocar lá um poema escrito em linguajar caingangue de forma a retratar com fidelidade a história dessa nossa gente.

Agradeço ao senhor presidente por esse espaço que nos concede, por essa oportunidade. Tenho certeza, que nesse momento em que todos nós, os brancos, estamos a comemorar os 500 anos do Brasil, acho que muito mais que comemorar esses 500 anos, deveríamos estar comemorando a oportunidade, que nossos irmãos indígenas deram a nós, de aqui chegando os nossos antepassados, eles, os índios, que eram os donos de tudo isso, abrirem o seu espaço, para que pudéssemos aqui trabalhar e produzir alimentação para o nosso sustento.

Agradeço a Vossa Excelência e tenho certeza que a Assembléia Legislativa será sempre uma parceira da comunidade indígena do Paraná.

Muito obrigado.

**(Aplausos)**

**O SR. PRESIDENTE (Nelson Justus)**

Com satisfação, convido para fazer uso da palavra, neste instante, o senhor Edívio Battistelli, assessor especial para assuntos indígenas do governo do Estado do Paraná.

**O SR. EDÍVIO BATTISTELLI**

Excelentíssimo senhor Nelson Justus, deputado, presidente da Assembléia Legislativa do Paraná; Excelentíssimo senhor Acássio Gambi, vice-presidente do Tribunal de Justiça, representante de Sua Excelência o desembargador Sidney Zappa, presidente do egrégio Tribunal de Justiça; Excelentíssimo Mário Gisi, procurador-chefe da República no Paraná, companheiro também de causa indígena; Excelentíssimo senhor capitão de Mar e Guerra, Francisco Haranaka, comandante da Capitania dos Portos do Estado do Paraná; prezado Pedro Cornélio Seg-Seg, presidente do Conselho Regional Indígena de Guarapuava e vice-presidente do Conselho dos Povos Indígenas do Brasil; Excelentíssimo senhor Ozeil Moura dos Santos, côsul honorário da República do Senegal; Excelentíssimo senhor Humberto Malucelli, representante do Poloni, secretário de Agricultura, nosso também companheiro de execução e de atividades em terras indígenas; Excelentíssimo senhor deputado Cezar Silvestri, companheiro, autor de leis e emendas em favor da Sociedade Indígena Paranaense, 1º secretário da Assembléia Legislativa; senhores deputados; Orlando Pessuti, que nos deu essa oportunidade, pela primeira vez na história do Estado, de os índios poderem estar presentes nesta Casa; também o deputado Péricles; companheiro dos índios do Paraná, Antonio Annibelli; deputado Algaci Tulio, que vejo estar presente; amigos; senhores e senhoras; comunidades indígenas Caingangue e Guarani e Ian - representante única do povo Xetá, presente neste momento, porque são apenas oito puros ainda existentes, em meio à sociedade desse Estado brasileiro; meus amigos; minha esposa, eu diria que não fosse um filho de uma mãe Bororó, mestiço, não teríamos a oportunidade de estar aqui agora. Um índio mestiço, que chegou à maior patente do Exército Brasileiro, à condição de marechal, em 1909, quando traçava linhas de telégrafo, na província de Santa Catarina, deparou com os bugreiros cassando bugres - ganhavam do governo por par de orelhas. Esses índios habitavam os planaltos catarinenses, pressionados que estavam os Chocreng, às margens do Rio Hercílio, de caçadores e extratores passaram a ser pescadores.

Rondon vendo aquilo, em 1909, pediu a criação do Serviço de Proteção aos índios no país. Em 1910 foi criado. Em 1911 criou a VII Inspetoria do Serviço de Proteção aos Índios do Paraná, onde permanece uma representação da Funai até hoje.

Passado esse período da política integracionista brasileira, em 1967, já não podendo desempenhar o seu papel, o Serviço de Proteção aos Índios, fixou as normas standardizadas para a administração pública direta, per-

deu o seu papel. Criou então a Fundação Nacional do Índio e recebeu de suas mãos, como herança, cento e oitenta mil índios no país. Quero dizer que desse período para cá, vencemos uma grande etapa da causa indígena brasileira. Foi o período em que demarcamos a maior quantidade de terras no país. E foi o período que transformamos dos cento e oitenta mil índios, nos trezentos e cinquenta mil dos dias atuais. A história nos conta que eram cinco milhões no início do descobrimento. Hoje restam um pouco mais de trezentos mil. O professor Darci Ribeiro dizia que os outros, comemos todos - os antropófagos, aqui, hoje, somos nós. Quantos índios gastamos para colonizar o país? De 1900 a 1954 dizíamos tanto, onde estão os índios na sociedade? Seguidamente ouvimos ainda: lugar de índio é na reserva.

Precisamos evidentemente nesses tempos, com a Carta Constitucional de 88, no país, que reconhece a alteridade das sociedades indígenas brasileiras - são 215 povos, falantes de 189 línguas, habitantes de 11% do território nacional e que habitam 554 reservas, com exceção do Piauí, Rio Grande do Norte e no Distrito Federal. Mas também com a Carta do Paraná, em 89, quando no seu art. 226, signatário da Constituição Federal, diz que os índios, suas tradições e cultura fazem parte do patrimônio cultural e ambiental do Estado e como tal serão protegidos. Esta proteção se estende aos projetos econômicos, que direta ou indiretamente podem agredir o ecossistema indígena. Rigorosamente, em nome do governo do Paraná, estamos cumprindo de 95 para cá. Ninguém consegue nesse território, dizer que os índios foram agredidos no seu patrimônio ambiental, cultural, o seu patrimônio físico. Também transformamos os índios do Paraná, de dois mil, no início dos anos 70, nos 10200 dos dias atuais. Não fosse isso suficiente, resolvemos grandes demandas, aqui no Estado. A questão Mangueirinha - trinta anos de exploração à pessoa física, à cultura e o seu meio ambiente. Retiramos de lá 850 invasores, que exploravam a maior reserva nativa de araucária do mundo.

Confesso aos senhores que vim do governo federal com esse espinho na garganta, para que nós, com os índios, as prefeituras dos municípios, com a ajuda de deputados regionais, da Funai, dos companheiros de indigenismo, pudéssemos por fim àquela questão.

Agora, para nossa satisfação, recebemos uma incumbência, um grupo inter-institucional, que estudou a viabilidade de reagrupamento do povo Xetá no Paraná, quase extinto, chegando ao constrangimento de ser assim tratado pela colonização cafeeira. Encontrados na Idade da Pedra Lascada, no início dos anos 50, vindo no último recesso de floresta no Noroeste do Estado, foi atingido pela colonização cafeeira, porque todos esses povos, indistintamente, representavam um estorvo ao processo do desenvolvimento. Hoje, restam oito puros e 28 descendentes.

Daremos uma resposta exata e concreta aos 500 Anos, com esse trabalho que encaminhamos anteontem

ao governo federal, pedindo reagrupamento do povo Xetá e um grupo para, com base do Decreto 1775 do governo federal, a quem compete a demarcação, estudar a identificação. Fazer a identificação e a delimitação de terras no lugar de origem aonde esse povo se encontra.

Pagou um preço alto como pagaram os Guarani pela sua docilidade. Esses povos que nos deram todas as terras que temos inequivocadamente. Eu recebia recentemente do senhor Orlando Villas Boas uma carta, onde ele me dizia: Battistelli transmita no Congresso Nacional, o expediente que transformado em lei abre as Reservas Indígenas para o garimpo.

Ontem eles nos deram um continente, hoje queremos usurpar as suas malocas, quem há que os defenda, evidentemente, foi muito pouco um compromisso da sociedade nacional da causa indígena e cuidamos tanto das etnias importadas, tão pouco dos povos nativos.

Onde estão os índios em Curitiba? Se lugar de índio é na Reserva Indígena, do japonês é no Japão, do italiano é na Itália, do alemão é na Alemanha e o problema do índio estaria solucionado.

Evidentemente que dentro dessa sua cultura ninguém como ele mantém a relação com a natureza e nessas crises mundiais de meio ambiente pelos quais passamos no final do milênio. Haveremos inequivocadamente logo mais, que perpassar pela cultura indígena numa convivência mais lúcida com o ecossistema e com a natureza como um todo. Ele faz parte dessa biota muito melhor do que nós. É preciso que neste caminho, traçar também no Paraná o caminho. É bem possível que se pensasse: os índios vão criar problema na Assembléia. O padrão de comportamento indígena é inúmeras vezes mais educados do que o nosso, talvez não saibam em determinado momento suportar as pressões que receberam, porque neste processo nós não índios somos a grande rapina. É preciso que outras oportunidades, esta Casa, como criou lei do royalties ecológico destinada à sociedade indígena do Paraná, nas mãos do deputado Cezar Silvestri, apoiado por todos os senhores daqui, que projetos como esse nasça, dando oportunidade que o índio acesse o 2º grau, com mais facilidade, que o índio chegue ao 3º grau e que possa participar, da sociedade nacional como índio. Pois ele pode ser o que somos, sem deixar de ser o que é, um índio. Houve lugar para todo mundo, menos para ele.

Agradecendo esta oportunidade e rigorosamente vamos cumprir o nosso papel, escolha que foi feita pelas lideranças indígenas do Paraná, a pedido do governo do Estado, até o nosso último dia, com todo o rigor e todo o conhecimento que acumulamos ao longo desse mais de duas décadas de trabalho.

Mas, Rondon, naquela época de 60, um pouco antes de extinguir o Serviço de Proteção aos Índios no País, sem recursos como hoje, porque os meios sempre tiveram alguém do problema confiado, às vezes, a gente duvida da forma como conduz a coisa para lutar contra os interesses da sociedade maior, mas sabemos que precisa-

mos levar isso num clima maior, sabemos que precisamos levar isso num clima de paz, não submeter sociedade contra sociedade, a menor historicamente foi perdedora, mas que ele participe com suas diferenças e com respeito a elas; e Rondon pleiteava recursos ao Congresso Nacional, e dizia ele, que o SPI não fez pouco mas teria feito muito mais se os meios de que se dispôs estivessem à altura do problema que ele confiara. Tão embaraçado não fosse pela perfídia dos seus inimigos, isto é, os interessados na escravização desse infeliz aborígene brasileiro.

Não consintais que nenhuma instituição que defenda os índios pereça e, nem que caia à míngua dos recursos no rol das empresas de fornecer empregos.

Somos um povo tão original que escravizamos os nosso próprios patrícios. Foi essa a acusação cruel, embora justa, que nos fizeram um dia.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE (Nelson Justus)**

Neste instante convido a todos para assistirem a apresentação dos Índios Guranis.

**(É feita a apresentação)**

Convidamos agora para a sua apresentação, os Índios Caigangues.

**(É feita a apresentação)**

Nesta oportunidade concedo a palavra ao senhor Pedro Cornélio Seg-Seg, presidente do Conselho Indígena regional de Guarapuava e vice-presidente do Conselho Nacional dos Povos Indígenas.

**O SR. PEDRO CORNÉLIO**

Senhoras e senhores, primeiramente quero agradecer em nome da Comunidade Indígena de Guarani, e os Caigangue e os Xetá, quando da nossa presença que marca a mim, 19 de abril, a nossa presença aqui em Curitiba.

Tenho vários amigos dentro desta Casa de Leis, temos contato bastante estreito, como o relacionamento muito estreito com o Conselho Indígena e o governo do Estado, algumas secretarias e os deputados que aqui se encontram que contribuíram muitas vezes na votação do ICMS Ecológico, uma emenda feita pelo deputado Cezar Silvestri.

Quero dirigir diretamente a questão indígena e dizer que considero este momento sem indicar nomes de entidade, quero crer que fiz muitos amigos durante a minha caminhada política indígena, junto com índios e não índios, para defender o direito da comunidade indígena.

Hoje se discute a questão indígena como um todo e continuam no ar as dúvidas a desconfiança e o medo.

É muito claro para mim, como índio, ver crianças Guarani, Caigangue e Xetá mesmo, lá fora numa entrevista, sentir na carne como é difícil ser índio hoje. Como é difícil enfrentar a realidade da sociedade envolvente,

como é duro ser compreendido, com é duro compreender a sociedade. Talvez seja porque as culturas são diferentes e há uma minoria de um lado e uma maioria do outro. O sistema político impõe com seu conhecimento em cima da minoria.

Tenho sentido nesses 500 anos, um certo temor pelos outros 500 anos, e começo a aprender quando sinto um canto, uma música, um contato com a natureza, penso: como vão ser os outros 500 anos? Acho que só poderá morrer uma cultura no momento que tombar, talvez, a última árvore.

Por que isso? Porque o índio para mim, é claro. Vivemos muito bem com a natureza, convivemos muito bem com ela. Acredito que enquanto existir a natureza, vamos sobreviver. Outras questões políticas, econômicas, ela vai ser a somatória da sobrevivência. Esse cuidado temos que ter na educação, na preservação, na cultura, na habitação, na questão social, das etnias dos povos indígenas do país.

Os governos pouco entendem e pouco vão entender, a sua equipe técnica pouco vai entender, pouco vai buscar, enquanto houver interesse social, político e de entidades governamentais e não governamentais ou entidades religiosas.

Pergunto como seria o futuro dos 500 anos, a partir de 22 de abril?

Discute-se muito na Bahia uma comemoração, mas essa comemoração não foi idéia da população indígena, dos povos indígenas, foi idéia de entidades e do próprio governo. É uma festividade da conquista, da busca da autonomia, do seu direito de progredir, mas esquecendo que aqui existia a natureza e um ser humano. Esse ser humano não era igual, mas fisicamente era, porque e tinha sua religião, sua cultura, sua vida e conseguiu viver sem explorá-la, simplesmente usou a riqueza da natureza com espaço físico e econômico, para a sua sobrevivência e o seu progresso social. Quando entrou a conquista, houve derramamento de sangue, inveja, ciúme, ganância e diminuição de terras indígenas.

Fico pensando, é interessante eu festejar, como índio, os 500 anos? Não. Os 500 anos, para mim, não significam nada. Significa para quem chegou há 500 anos - eu, já estava antes dos 500 anos. Eu já me encontrava há 500 anos atrás. Não quer me dizer nada os 500 anos. Como posso festejar, eu, como índio, uma festividade de 500 anos, Descoberta do Brasil, se a minha água está poluída, se a minha mata desapareceu, se algumas etnias dos grupos tribais sumiram do mapa, a minha cultura está se esvaziando, terras diminuíram, desapareceram. O que tenho, busco explorar, através do conhecimento político. Como posso festejar se, até os dias de hoje não se definiu uma política brasileira, que realmente possa assistir às comunidades indígenas?

Há, sim, uma cobertura de furos. Esses furos chamamos de qualquer abertura, um programa tapa buraco, pode-se dizer assim.

Acho que temos uma obrigação, como autoridade indígena. Esta Casa tem nos ajudado bastante e deve continuar e mostrar que somos parte da sociedade brasileira, somos membros, somos o brasileiro. Não queremos ser o brasileiro diferente. Queremos o nosso direito de participação, de contribuir e também de ter o espaço de competir um dia, através da escola, da questão social, da saúde e da questão como um todo. Queríamos que a sociedade nos visse como um ser humano, que tem sentimento, dor, saudade, inveja, mas que tem a sua vida como um todo, como cidadão, como qualquer outro brasileiro. Digo isso, porque sempre em todas as questões sociais que somos envolvidos, há uma discriminação muito forte, muito grande, há um preconceito muito grande: no colégio, de disputa de poder, porque somos uma minoria, falamos outra língua e vivemos em um sistema diferente.

Afinal, para nós, fica: Quem sou eu? Dentro de um país tão grande, que tem espaço para todos e de repente o nosso espaço foi reduzido? Será que devo sair daqui e ir para outro lugar? Aonde? Se esse espaço meu também é explorado pelas questões, programas e projetos governamentais, onde sou espremido pelas barragens, escolas, educação, saúde? Tudo que se faz hoje, dentro de uma área indígena é programado, nos adaptamos ao sistema do robô - tem que ser como eu quero e não como os outros querem. Então, quando se tem essa idéia, há um desrespeito muito grande com a sociedade, com a comunidade indígena.

Penso que os outros 500 anos vão ser muito difíceis, porque temos uma juventude, hoje, com uma outra idéia, procurando uma formação, que ela possa disputar um dia esse espaço, dentro e fora de sua sociedade e vai ser muito difícil. Barreiras, vamos encontrar, muitas.

Em uma entrevista que vi entre um cacique e o nosso presidente do Senado, fiquei espantado, porque senti que não há respeito, seriedade e sinceridade; quando na Bahia destruíram alguma coisa que representasse a Comunidade Indígena dos 500 Anos - a própria polícia destruiu isso. Nos 500 anos acontece isso.

Recentemente no Amazonas descobrimos um grupo de povos indígenas. Descobrir o sertanista é muito fácil e trazer para cá é fácil, o problema é fazer dele o quê depois. A personalidade do homem nos trata diferente no momento da descoberta, que há o contato. Temos uma mulher Xetá, aqui, é um caso recente, em 1956 descobertos os Xetás, perto de Umuarama, hoje, reduzidos em oito pessoas. E ninguém contesta isso e se manifesta sobre isso.

Hoje, o nosso medo é com todas as entidades. Há um oportunismo muito grande de buscar o conhecimento dos indígenas, para o benefício das entidades religiosas e não-governamentais.

O governo está perdendo aos poucos a sua autonomia política, de assistir as próprias comunidades indígenas, porque as organizações governamentais e as não-governamentais assumem o poder de direito, de assumir as questões indígenas, sem conhecimento de causa.

A religião é a mesma coisa: usa o conhecimento indígena, o seu espiritual, na busca de informações da escrita e essa é em benefício do seu próprio organismo, não governamental e também da sua própria entidade religiosa ou não.

Fico pensando, que vamos acabar mostrando tudo o que sabemos e, de repente, você não vai ter autonomia e nada mais.

Recentemente alguém de São José dos Pinhais trouxe esses índios, aqui, que estão na minha frente - eu não sabia o que fazer com eles. E o outro grupo explorou o seu belo canto, sua bela música, vendendo dez mil CD's - é uma economia que não vai ser deles, vai ser do branco. Isso revolta. Há uma exploração econômica, em cima dos conhecimentos das comunidades indígenas. O Conselho Indígena, nessa parte, tem que estar alerta e pedir a esta Casa, que possa também nos ajudar a defender o direito desses povos indígenas. Tenho pedido muito ao doutor Mário Gisi, que se encontra presente, um grande amigo das questões indígenas e da defesa dos direitos indígenas.

Quero deixar o meu abraço a todos e agradecer o convite e dizer que os outros 500 anos, só Deus saberá. Mas se continuarmos da forma como estamos, não sei o que será dos índios nos outros 500 anos.

Muito obrigado.

**(Aplausos)**

Vamos fazer uma entrega ao deputado Cezar Silvestri, uma pequena lembrança, em reconhecimento do seu trabalho, em defesa do direito das comunidades indígenas. Vou pedir ao Jair, que vai representar todos os Guaranis e entregar um quadro para a Assembleia Legislativa, às mãos do senhor presidente Nelson Justus, deixando uma recordação e uma lembrança da nossa visita, aqui, de 19 de abril, ano 2000.

**(Aplausos)**

**O SR. PRESIDENTE (Nelson Justus)**

**(Faz a leitura da placa homenageando o deputado Cezar Silvestri).**

Esta presidência congratula-se com o deputado Orlando Pessuti pela proposição desta solenidade, e saúda as comunidades indígenas do Paraná, no Dia Nacional do Índio.

Ao encerrarmos esta Sessão Especial, desejamos reafirmar a extraordinária consideração que o Paraná dedica aos primeiros habitantes de nossa terra.

A importância do elemento indígena é tamanha que, na realidade, não estamos a festejar 500 anos de descobrimento do Brasil pelos navegadores portugueses de 1500, e sim a formação da Nação Brasileira, comemoração daquilo que somos - sem excluir ninguém.

Porque se nossos irmãos lusitanos aqui desembarcaram em 1500, os índios já habitavam a terra ancestral há muitos outros milênios, oriundos dos confins do Pací-

fico num processo de transmigração que se arrastou por séculos.

Ninguém ignora a valiosa contribuição que o Brasil recebeu da comunidade indígena, desde os primórdios, que se enraizaram na prática diária da nossa convivência. Enriqueceu-se a área cultural brasileira, em todos os espaços geográficos, cujos grupos humanos apresentam condições semelhantes de cultura, pela permanência de valores comuns e constantes.

Tal contribuição não se refere apenas aos hábitos saudáveis, à dança, às artes, à alimentação e, principalmente, à formação do idioma pátrio. No Paraná, detacadamente, desde o nome do Estado e da nossa capital, constata-se claramente a predominância do vocabulário indígena na toponímia paranaense. A par de tudo isso, não obstante, é necessário destacar ainda, que os nativos da terra compuseram sempre uma história de coragem e lutas pela liberdade da pátria e grandeza do país. “Esta terra tem dono”, bradava o cacique Condá aos invasores do território paranaense - e Felipe Camarão, o índio Poti, ao lado do negro Henrique Dias e do branco André Vidal, ao expulsarem os holandeses do Brasil, pareciam fundir o advento do homem brasileiro.

Com sua extraordinária resistência e capacidade de aculturação - mas preservando os valores essenciais de sua vida em comunhão com a natureza - felizmente os índios brasileiros voltaram a crescer quando a evolução de nossas leis e a reconquista da democracia permitiu o reconhecimento de sua posição como nossa “primeira raiz”.

Hoje eles são mais de 300 mil almas, com suas reservas protegidas em terras demarcadas, a receberem crescente respeito de todos os brasileiros, como essência de nossa brasilidade tropical.

No Paraná, em especial, a existência de uma assessoria especial do governo do Estado concretiza um relacionamento respeitoso e pró-ativo, em que o índio é tratado como membro pleno da cidadania, numa integração harmoniosa de grupos étnicos, ao lado do descendente do povoador europeu da fase formativa; do negro que nos trouxe a africanidade sonora; do imigrante branco ou asiático recente, que buscou em plagas o eldorado de um novo amanhecer.

Atualmente em todo o país, mas especialmente aqui no Paraná, e honrando neste momento as minhas

homenagens a este extraordinário companheiro Battistelli, lutador fantástico e que dedicou a sua vida à comunidade, estamos lentamente redescobrimos os valores da contribuição indígena. Assim é com muita satisfação que a Assembléia Legislativa, realiza esta Sessão Especial a pedido do deputado Orlando Pessuti, onde estendo as nossas homenagens a todos os deputados, Cezar Silvestri, Péricles Mello, José Maria Ferreira, Antonio Annibelli, o Algaci Tulio e todos aqueles que de uma maneira direta ou indireta fizeram com que esta solenidade fosse possível.

Saudamos nossos indígenas, seus caciques, suas tribos, numa celebração de quem adquiriu a consciência de que, na terra, somos todos irmãos.

Irmãos onde pulsa, por igual, o anseio da realização, da justiça e da construção harmoniosa de um futuro melhor para todos!

Muito obrigado!

Quero agradecer a todas as autoridades aqui presentes, a vereadora Nely Almeida, a jornalista Juril Carnasciali, a este Grupo Folclórico Índio Guarani de Piraquara, que vai se apresentar hoje a noite, na PUC. Quero agradecer aos componentes da Mesa, dizer que é um privilégio participarmos dessa solenidade e convidarmos os nossos irmãos índios, que pela primeira vez vem à esta Casa, por essa razão a Assembléia lhes oferecerá um jantar, quebrando todas as barreiras que possam ter existido nesta Casa, mas nós, que nos propomos abrir esta Casa a toda a sociedade, fazemos com muita alegria nesta oportunidade para os nossos irmãos indígenas.

Quero, também, convidar a todos os presentes para assistir a exposição de quadros de temas indígenas das artistas paranaenses, Cristina Cesário, Idóvelli Massaranduba Ribeiro e Yolanda da Silva, no hall de entrada do Plenário. Muito em breve teremos um hall em condições de receber obras artísticas desse porte.

Ao encerrar esta solenidade e agradecer a todos, quero mais uma vez também agradecer a Banda da Polícia Militar do Paraná, que nos brinda neste instante com o Hino do Paraná, ao que declaramos encerrada esta sessão.

**(Execução do Hino do Paraná)**

Levanta-se a sessão.